

Diário filosófico

Uma das figuras mais freqüentes nas notas e aforismos deste "Diário Filosófico" do romeno Constantin Noica (F. Realizações, 119 páginas, tradução de Elpidio Mário Dantas Fonseca) é a do irmão do filho pródigo da parábola bíblica. Para os que não se lembram: é ele, sisudo e escrupulosamente regrado, quem recrimina o pai por acolher sem mais, nem menos, o filho perdido para o mundo. Noica identifica-o com o mestre-escola, o fiscal, o inimigo da espontaneidade e da alegria – e da própria filosofia, já que, como Noica diz, a filosofia é livre de obrigações. "Não leia o que não lhe agrada", ensina-nos ele. Fundamenta-se aí a sua crítica ao ensino formal de filosofia e de outras disciplinas, que impede o aluno de ter contato real e profundo com o saber.

Mas os pensamentos de Noica vão muito além disso e cobrem temas como a religião, o papel do filósofo, a posição da arte e muito mais. Foi um pensador independente, corajoso e combativo, condenado a detenção domiciliar por quase vinte anos pelo governo comunista em seu país. Ainda é pouco conhecido no Brasil: além de "Diário filosófico", apenas uma obra sua – "Seis doenças do espírito contemporâneo" – foi publicada em português. Muito de suas reflexões parecerão familiares aos brasileiros, como esta aqui acerca de seu país: "A filosofia não é possível senão na cidade, entre homens, naqueles mercados de que não se desgrudava Sócrates. Ela lhe dá o único encontro com o outro (...) Há ainda muita natureza na Romênia".

